

## PAINEL 1

### A VISÃO EDITORIAL DE ERICO VERISSIMO

**Maurício Rosenblatt**  
(Conselho Estadual de Cultura)

Não sendo professor universitário, nem crítico de literatura, sendo apenas um amador e um aprendiz de livreiro, aceitei participar deste encontro de homenagem a Erico, de quem fui amigo durante mais de cinquenta anos, com a esperança de poder revelar aos participantes algumas atividades do escritor de um modo geral pouco conhecidas, de vez que os conhecedores de sua obra, os seus leitores, talvez não tenham tido oportunidade ou fontes para satisfazer seu provável interesse ou simples curiosidade. A alguns talvez atraia sua biografia, principalmente a biografia do homem e do escritor, e talvez desconheçam outras facetas suas, particularmente sua atuação dentro de uma editora. Não esperem, pois, de mim, **finesses** de exegese crítica ou qualquer tipo de interpretação. O meu depoimento será apenas testemunhal e nele procurarei acompanhar a participação de Erico Verissimo dentro da Editora Globo, sua contribuição para o desenvolvimento dessa editora e para a sua projeção no cenário nacional.

Aqueles que tiverem lido o **Solo de clarineta** e, particularmente, **Um certo Henrique Bertaso**, um livro pequeno editado pela Globo em 73, no qual Erico pretendeu escrever a biografia de Henrique Bertaso, criador da Editora Globo e seu principal articulador, e com quem Erico trabalhou quinze ou vinte anos na editora — aos que os tiverem lido vou pedir que me desculpem por terminar «chovendo no molhado». A esperança que eu tenho é a de que nem todos tenham lido **Um certo Henrique Bertaso**; acredito, entretanto, que **Solo de clarineta** seja conhecido de quase todos. Naquela biografia Erico conta como Henrique Bertaso começou e mais tarde como passaram a trabalhar juntos. Eu organizei o meu depoimento seguindo mais ou menos uma ordem crronológica.

Em 1922, Henrique Bertaso, com 15 anos de idade, começa a trabalhar na Livraria do Globo, estabelecimento onde

Mansueto Bernardi, poeta e prosador, exercia a função de orientador intelectual, cuidando da importação de livros e lendo os originais que autores daqui e do interior lhe encaminhavam para examinar as possibilidades de edição. Um dos sonhos de Mansueto Bernardi era criar na Globo uma editora de âmbito nacional e talvez até internacional.

Em fins do mesmo ano, em dezembro, Erico Verissimo volta a Cruz Alta para gozar as férias escolares do Colégio Cruzeiro do Sul, de Porto Alegre, onde cursava o secundário. Exatamente no dia de sua chegada ao lar, Erico é dolorosamente surpreendido com a separação de seus pais, ruptura que o marcou profundamente. Não podendo continuar os estudos, decide começar a trabalhar e aceita emprego no armazém de uma firma que fornecia gêneros alimentícios para a guarnição militar da cidade. Foi numa máquina de escrever Underwood, existente nesse armazém, que ele varria todas as manhãs, que Erico fez, às escondidas, sua primeira literatura, como ele a chamava. Eram então suas leituras *Os sertões*, de Euclides da Cunha, Coelho Neto, Afrânio Peixoto, Aluísio de Azevedo, Émile Zola, Gustave Flaubert. Como vêem, a leitura comum de um autodidata daquela época. Tinha ainda Monteiro Lobato, Ribeiro Couto, João do Rio, Menotti del Picchia, Cassiano Ricardo, Mário e Oswald de Andrade. Evidentemente, saboreava Eça de Queiroz e lia Machado de Assis, a quem ele amava como se ama um tio mais velho e mais inteligente.

Do armazém que cheirava a charque e a tijolinho de goiabada, passou a trabalhar no Banco Nacional do Comércio algum tempo depois e, em 1925, com economias que a mãe lhe emprestou, associou-se a um amigo da família e estabeleceu-se com uma farmácia: foi ser boticário como seu pai. Atrás do balcão da botica, Erico lia os dramas de Ibsen; *Le jardin d'Épicure*, de Anatole France; *Dramas filosóficos*, de Renan; *Salomé*, de Oscar Wilde; as peças de Bernard Shaw, em inglês. Rabindranath Tagore e Omar Khayyam forneciam, como ele mesmo conta, o tempero oriental para essa salada de autodidata. Manoelito de Ornellas, também «falso» boticário em Tupanciretã, a poucos quilômetros de Cruz Alta, e que já havia publicado um livro de poesias, *Rodeio de estrelas*, costumava visitar Erico, levando e lendo para ele suas últimas produções. Numa dessas visitas, Manoelito descobriu, entre papéis de Erico, um conto que este havia escrito, secretamente, provavelmente na farmácia, intitulado *Ladrão de gado*. Manoelito mandou-o, com recomendações, a Mansueto Bernardi, e o público, em 1928, conheceu Erico Verissimo na *Revista do Globo*, da qual Mansueto era o diretor.

Essa publicação encorajou nosso Erico a remeter no ano seguinte, em 29, sua próxima história, *A lâmpada mágica*, diretamente ao suplemento literário do *Correio do Povo*, que era dirigido por De Souza Jr. Este mandou o conto para a oficina do jornal sem o ler, confidenciando aos seus botões: «O conto pode não prestar, mas o nome do autor é bonito e merece ser divulgado.» Nessa altura, diz Erico:

«Eu vivia em três mundos, pelo menos. O primeiro era o da realidade cotidiana; a rotina fisiológica, o ritual burguês, os avisos de bancos. (...) O outro era o mundo dos livros, das personagens de ficção que me levavam para outros tempos e outras geografias. O terceiro mundo era o da minha própria fantasia: as histórias que eu escrevia e mandava quase semanalmente para o *Correio do povo*, que as publicava em seu suplemento literário.»<sup>1</sup>

Pouco tempo depois, em 29, Erico fica noivo de Mafalda, uma moça clara, de olhos azuis, cabelos loiros, que ele namorava do balcão da farmácia para a janela de sua casa, defronte. Nesse ano, ia mal de negócios. Ele e seu sócio não sabiam negar crédito, vendiam fiado para todo mundo, não cobravam. As mercadorias diminuam nas prateleiras e as duplicatas amontoavam-se nas gavetas. Nesse estado de espírito, Erico, com algum humor, diz que «temeroso dos olhares calabreses do futuro sogro», noivou. Em 30 a farmácia vai à falência e Erico parte para Porto Alegre à procura de emprego.

Em mau estilo, ocorreu-me aqui o recurso da participação do destino na solução do problema do nosso herói. Perto do fim de 30, logo depois da Revolução, caminhando pela Rua da Praia à procura de emprego (já tinha ouvido diversas evasivas), o dinheiro escasso e o desânimo aflorando, encontra Mansueto Bernardi na porta da Livraria do Globo. Ele mesmo conta:

«Encontrei Mansueto Bernardi, então diretor da Revista do Globo. (...) Bernardi me reconheceu.

— Vamos publicar no próximo número da revista o seu conto *Chico*, com a sua ilustração. — disse ele. Olhou-me com seus olhos venezianos e, depois de algum tempo, murmurou: — Você escreve, traduz, desenha... seria o homem ideal para tomar conta da *Revista do Globo* no futuro.

— Por que no futuro — repliquei — se estou precisando de emprego agora?

Meus olhos estavam fitos no pomo-de-adão de Mansueto, muito saliente no longo pescoço descarnado. O autor de *Terra convaléscente* coçou pensativamente o queixo, depois baixou o olhar para mim:

— Que ordenado espera?



Pensando no meu casamento, ousei:

— Um conto de réis.

Por um instante o poeta quedou-se imóvel e silencioso. Depois disse por entre dentes:

— É... o cargo justifica esses honorários, porém infelizmente não temos verba para tanto. Mas... qual seria o mínimo que você aceitaria para começar?

— Seiscentos — respondi sem pestanejar.

— Pois então está contratado. Pode começar no dia 1º de janeiro. Entende de «cozinha» de revista?

— Claro — menti. Na realidade, nunca havia entrado numa tipografia; não conhecia nem de vista uma linotipo. Não tinha idéia de como se fazia um clichê ou se armava uma página. Mas o importante mesmo é que tinha conseguido um emprego!

Foi assim que entrei pra família Globo.<sup>2</sup>

Em princípios de 31, quando Mansueto Bernardi, aceitando um convite de Getúlio Vargas, se muda para o Rio de Janeiro e deixa a Globo, Erico assume a secretaria da revista e descobre de imediato sobre sua mesa seus principais colaboradores: a tesoura e o vidro de cola. Passa, a partir de então, a fazer praticamente sozinho toda a **Revista do Globo**. Lia revistas estrangeiras — argentinas, americanas, inglesas, às vezes encontrava uma bela ilustração, mandava fazer o clichê e escrevia uma história para aquela reprodução, assinando um nome fictício qualquer. Traduzia vários contos e os publicava com ou sem ilustrações. De outro lado, aconselhado pelo gerente comercial, tinha certa cautela, procurava não sobrecarregar a revista com matéria literária, pois para o Rio Grande do Sul da época era importante publicar o retrato da «galante filhinha» do senhor fulano de tal e uns versos, em geral maus, de algum pretense poeta que era cliente da Livraria do Globo.

Casado havia pouco, já estava morando com Mafalda em Porto Alegre. E como não estivesse ganhando o suficiente, passou a aceitar traduções, que fazia à noite, pela madrugada adentro, a fim de aumentar seus ganhos. O primeiro livro traduzido, já para a coleção vitoriosa que Henrique Bertaso havia lançado nas suas primeiras experiências editoriais, a Coleção Amarela, foi **The ringer** (O tocador de sineta) de Edgar Wallace, livro ao qual ele deu o título de **O sineiro**.

Em 32 Erico se atreve a apresentar uma sugestão a Henrique Bertaso, com quem mantinha relações cerimoniais: a Globo editaria uma coletânea de coisas que tinha nas gavetas, escritas desde Cruz Alta e que poderia chamar-se **Fantoches?**

Henrique esfregou a careca, num gesto característico. Erico se propôs inclusive a pagar a edição. Henrique respondeu: «Não, deixe comigo. Vou ver se podemos editar». E editou. Fez 1.500 exemplares, dos quais foram vendidos 400 ou 500. Com os restantes a editora não perdeu dinheiro: um incêndio providencial queimou os exemplares existentes no depósito, cujo valor foi pago pela companhia de seguros.

Na edição da Aguilar da ficção de Erico, no III volume, ele escreveu uma autobiografia compacta a que deu o título de **O escritor diante do espelho** e que, para meu gosto pessoal, é melhor que **Solo de clarineta**, uma ampliação daquele trabalho, enriquecido em detalhes, mas — ainda a meu ver — sem a nitidez e a essencialidade com que escrevera aquele sete anos antes. Nele, pelas tantas, diz Erico:

«Naquele ano de 1932 fiz um esforço especial para dar à **Revista do Globo** um aspecto menos provinciano. Mansueto Bernardi deixara a direção do quinzenário, mudando-se para o Rio de Janeiro, convidado por Getúlio Vargas pro cargo de diretor da Casa da Moeda.

«Tudo na redação tinha de ser feito às pressas. Às vezes, folheando revistas americanas, eu descobria nelas ilustrações que me agradavam. Mandava transformá-las em clichês. Prontos estes, invertendo o processo habitual, eu inventava um conto que se adaptasse às estampas e firmava-o com um nome su posto.

«Uma dessas histórias, **Lama das trincheiras**, trechos de Diário de um soldado inglês da primeira Grande Guerra, pasticho viável de Remarque, foi publicada numa revista argentina, pirata como a nossa, e cujo redator fabricou uma biografia pro autor do conto, Gilbert Sorrow, criatura que existia apenas na minha imaginação, ou melhor: era apenas um nome sem corpo, sem alma, sem passado e sem futuro, pois, que eu saiba, o escritor-fantasma não escreveu mais nada.»<sup>3</sup>

Em 33 aparece **Clarissa**, incluído por Henrique Bertaso na Coleção Globo, que era uma experiência de livro de bolso, talvez a primeira que se fazia no Brasil. A Coleção Globo era composta de livros de formato pequeno, cartonados, com uma sobrecapa colorida e na qual havia livros de aventuras, policiais e bons clássicos estrangeiros e nacionais, particularmente estrangeiros (Pushkin, Gogol, Stevenson, Tchekhov, etc.). Nessa coleção, para que fossem vendidos por preço módico, a tiragem mínima tinha de ser de 7.000 exemplares. A primeira edição de **Clarissa** obedeceu àquele número e levou vários anos para esgotar, sendo que freqüentemente exemplares eram vistos em balaios de saldos. Em 33, num diálogo que manteve com Bertaso (um diálogo formal: se tratavam de «senhor» um ao outro) Erico chamou a sua atenção para a conveniência que



resultaria para a Globo, pelo menos como sucesso de importância literária, da edição de um livro que ele, Erico, acabara de ler por recomendação de Augusto Meyer, **Point counterpoint**, de Aldous Huxley. Henrique disse que escreveria a seu agente literário e Erico começou a traduzi-lo. Foi um trabalho duro de oito meses, durante todas as noites. Entregou a tradução a Bertaso em fins de 33. Nesse meio tempo Erico estava escrevendo **Caminhos cruzados** aos sábados de tarde. Reparem bem: ele fazia a **Revista do Globo**, traduzia de noite e ainda arranjava tempo para escrever sua obra. Esse trem de trabalho Erico viveu por mais de dez anos, durante os quais influiu no crescimento da Editora Globo, onde passou a colaborar efetivamente algum tempo depois, como veremos mais adiante, assim como paralelamente foi crescendo com sua própria obra.

Erico terminou **Caminhos cruzados** em 34 e entregou-o ao editor. O livro só foi editado um ano depois, em 35, tendo aparecido antes o **Contraponto**. A crítica não poupou Erico; achou que no **Caminhos cruzados** havia ele imitado a técnica de Aldous Huxley, particularmente no que diz respeito à simultaneidade. Erico confessa mais adiante, com alguma ironia, que esses escritores ou não conheciam, ou ignoravam **Os moedeiros falsos**, de André Gide, que já havia usado essa técnica e, anteriormente ainda, John dos Passos, em **Manhattan transfer**.

Enquanto Erico estava escrevendo **Caminhos cruzados** e terminando de traduzir **Contraponto**, Dyonélio Machado, de quem era na época muito amigo, insistiu para que ele se inscrevesse num concurso que tinha sido aberto pela Companhia Editora Nacional, de São Paulo — o «Concurso Machado de Assis» para romance inédito. Erico alegou que não haveria tempo para escrever algo que prestasse. Dyonélio insistiu e, em algumas tardes de sábado, Erico escreveu **Música ao longe**, que terminou mandando para participar desse concurso. Quatro ganharam, em igualdade de condições: o Erico, com **Música ao longe**; Dyonélio Machado, com **Os ratos**; Marques Rebelo, com **Marafa** e João Alphonsus, com **Teotônio Pacheco**. Em março de 35 nasce Clarissa, a filha mais velha do casal. É justamente no ano em que aparece o **Caminhos cruzados**, que recebe o Prêmio Anual de Romance, instituído pela Fundação Graça Aranha. Também é lançado nesse ano **A vida de Joana d'Arc**, uma bela história narrada com humana compreensão e viva simpatia.

Em 36, Erico escreve e publica **Um lugar ao sol**. Ainda por motivos econômico-financeiros aceita um convite feito por Arnaldo Balvé, que era diretor da Rádio Farroupilha, para fazer um programa infantil. Então, no fim das tardes, ele saía correndo da Livraria do Globo, subia a avenida Borges de Medeiros,

escalava a escada, dobrava na rua Duque de Caxias, entrava na Rádio Farroupilha ofegante, ia diretamente ao microfone e improvisava na hora histórias para crianças, algumas das quais ele editou mais tarde na Coleção Nanquinote. O programa cresceu em popularidade, o estúdio vivia cheio de crianças que queriam conhecer e dialogar com o «amigo velho». De repente, no ano seguinte, em 37, com a implantação do Estado Novo, nasceu junto uma coisa que vocês conhecem muito bem: a censura. E a censura queria que Erico submetesse primeiro a ela os contos que improvisava ao microfone. Erico não aceitou a imposição. Foi para o microfone, fez um manifesto de protesto contra a censura, contra o tolhimento da liberdade do cidadão e se despediu do programa, o que diminuiu sua renda mensal... e sua fé no bicho-homem.

Enquanto fazia ainda o programa de rádio, em 36, nasceu Luis Fernando Verissimo. Foi nesse ano que Erico escreveu seis livros para crianças, publicados em formato grande, com capas cartonadas e com ilustrações a cores feitas por João Fahnion, Nelson Boeira Faedrich e Edgar Koetz, e que inauguraram a Coleção Nanquinote. É interessante, nessa altura, contar mais uma aventura:

«Um dia Henrique Bertaso resolveu lançar uma revista-livro que publicasse, completas em cada número, obras de ficção, além de contos e anedotas ilustradas — tudo por um preço muito mais baixo que o de um livro ordinário. A publicação recebeu o nome de **A Novela** e começou a aparecer sob a minha própria direção. A idéia era em princípio boa. Publicaram-se vários números, com capas em tricomia. O livro principal de cada número era em geral um romance de aventuras, mas eu procurava ir dando sempre ao público literatura de melhor qualidade na forma de contos e noveletas. Lembro-me de que, numa das edições de **A Novela**, cheguei a publicar **O sorriso de Gioconda**, de Aldous Huxley, numa tradução que eu próprio fiz. No número cinco, para contrabalançar o romance principal (**O crime do hospital**, de Mignon Eberhart) lá estava **Etapas da loucura**, de Dostoevsky, que tornou a aparecer em **A Novela** com o **coração fraco**. Anton Checov, esse era nosso «colaborador efetivo»... Francis Jammes, que eu lera com delícia em Cruz Alta (e talvez o seu **Clara d'Ellebeuse** seja remotamente responsável pelo estado de espírito com que escrevi **Clarissa**), o velho Francis apareceu também em **A Novela** com **O romance de Laura**. A própria Katherine Mansfield não me pareceu julgar-se diminuída por colaborar (com **Seis pence**) no número de nossa revista cuja história principal — quero dizer, estória maior, engodo para o público — era dessa feita **O chinês misterioso**, de J. S. Fletcher. Outros autores de boa categoria que «colaboraram» com **A Novela**: Somerset Maugham (com **O ruivo e Honolulu**), Giovanni Papini com **Sempre Bela** e Joseph Conrad com **Falk**. Huxley tornaria a prestigiar **A Novela** com sua **História de Irmã Agatha** e Oscar Wilde contribuiu com seu **O telegrama**. Até G. K. Chesterton se viu envolvido na companhia de Edgar Wallace e Aga-



the Christie com seu conto (também policial) **Os passos misteriosos**.

Eu fazia **A Novela**. Henrique enfrentava o Chefão, que via com olhos céticos (e como tinha razão!) a nossa nova aventura. **A Novela** durou quinze números, quinze meses. «Morreu como um passarinho» — expressão também do uso de minha avó materna.»<sup>4</sup>

Então, como vocês vêem, já se somam às coisas que Erico fazia mais esta — **A Novela**, que ele confeccionava quase integralmente, mais ou menos como a **Revista do Globo**. Frequentemente ele recebia um recado das oficinas: «Seu Erico, há um buraco na página 14.» E, ou ele escrevia um haikai à maneira oriental, ou ditava um poema de Omar Khayyan, ou incluía uma aneddotazinha, com uma legenda improvisada sob um clichê já pronto.

Em 1938, escreve e publica **Olhai os lírios do campo**, obra que obteve boa receptividade de público e de crítica, constituindo-se num grande sucesso de vendas e num marco na vida do escritor, que pôde, graças a isso, começar a viver com mais desafogo econômico. Também na livraria a sua situação mudou. Henrique Bertaso o convida a assumir a função de conselheiro literário da editora, à qual desejava dar um novo impulso. Diz Erico em **O escritor diante do espelho**:

«Aceitei o cargo e comecei a trabalhar, ajudando Henrique a organizar programas editoriais, selecionar obras estrangeiras para traduzir, descobrir os tradutores adequados, fiscalizar a tradução, estudar o formato do volume, escolher o desenho da capa, o tipo de composição do texto, o título definitivo em português e finalmente lançar o livro.»<sup>5</sup>

Já em 37, Erico dedicava a maior parte do seu tempo à editora e, a partir de 39 abandona por completo a **Revista do Globo**, passando a cuidar do departamento editorial em tempo integral. Ele e Henrique, com quem se entendia muito bem, tinham gabinetes contíguos e estavam tão entusiasmados com os rumos da editora que não havia dia em que não tivessem uma idéia nova. E assim foram nascendo as coleções que de certo modo racionalizaram as edições, enquadrando-as pelos seus gêneros e padronizando-lhes a apresentação gráfica, que as identificavam perante o público. A primeira foi, ainda feita só por Henrique Bertaso, a **Coleção Amarela**, na qual foram publicados perto de noventa títulos dos melhores e mais renomados autores de histórias policiais, muitos ainda desconhecidos no Brasil — E. C. Bentley, Raymond Chandler, Agatha Christie, Sidney Horler, Phillips Oppenheimer, Ellery Queen, Sax Rohmer, Rex Stout, S. S. Van Dine, Edgar Wallace, Georges Simenon.

A seguinte foi a **Coleção Globo**, formada de volumes de bolso, de capa cartonada e uma sobrecapa com desenho a cores. Pretendendo torná-la popular, nela foram editados livros de aventuras — J. Fenimore Cooper, **O piloto**, **O espião**; Robert Stevenson, **As aventuras de David Balfour**; John Burroughs, **Os 39 degraus**, assim como obras de Gogol, Tchêkhov, Pushkin e **A volta de D. Quixote** de Chesterton. Foi nessa edição que saiu, em 33, **Clarissa**.

Seguiram-se as coleções Juvenil, Infantil, Universo, Tapete Mágico, Divulgação, Biografias, Documentos de Nossa Época. Em 48 foi lançada a **Coleção Fundo de Cultura**, composta de livros de nível pré-universitário, destinados a um público interessado em adquirir conhecimentos para uma boa formação cultural. Basta ver os títulos: **História da civilização ocidental**, **Elementos de biologia**, **Maravilhas da biologia**, **Breve história da ciência**, **Ciência para o cidadão**, **Maravilhas da matemática**, **História natural da linguagem**, **História universal da dança**, **Iniciação à música**, **Vida e crescimento das cidades**.

Em 46 tentou-se novamente o chamado livro de bolso. A primeira tentativa, frustrada, foi com a **Coleção Globo**. Essa coleção, a nova, foi toda projetada por Erico, desde o nome, Tucano, mais ou menos inspirado nos Penguin Books, até o formato, o plano de publicações e inclusive o logotipo. Nesta coleção Erico realizou uma idéia muito prática e inédita ainda no Brasil: a identificação dos gêneros por cores. A capa laranja era de livros com romances, novelas e contos psicológicos e de costumes. As capas em vermelho continham romances, novelas e contos policiais. Lilás, teatro. Verde, viagens, explorações, natureza. Vinho, biografias, memórias, fatos históricos. Sépia, divulgação cultural e ensaios. Azul, histórias românticas, poesia. Cinza, clássicos. Na cor laranja foram editados 18 títulos, entre eles **A carta**, de Somerset Maugham; um livro de Erico, **As mãos de meu filho**; **A escola de mulheres**, de André Gide; **Silberman**, de Jacques Lacroix; **Pedro e Lúcia**, de Romain Rolland; **As cabeças trocadas**, de Thomas Mann; um livro de Reynaldo Moura e outro de Graciliano Ramos. Na lilás, uma peça de Maria Jacintha e **O taciturno** de Roger Martin du Gard. Na sépia, **O pensamento alemão**, de Edward Spengler e **Filosofia no Brasil**. Na azul, **A rua dos cataventos**, de Mário Quintana; **O albergue das dores**, de Francis Jammes; as poesias de Artur Torres Rioseco, poeta que Erico conheceu nas suas andanças pelos Estados Unidos. Na série cor de cinza apareceu **A princesa de Clèves**, de Madame de Lafayette. Essa coleção era vendida a seis mil réis o exemplar.



Nesse tempo, 1945-6, eu morava no Rio de Janeiro e, na qualidade de gerente da sucursal carioca da Livraria do Globo, visitava a Livraria Freitas Bastos, uma das maiores do país. Era um estabelecimento enorme, com mesas compridas, nas quais os livros estavam expostos com as páginas de rosto para cima. Tinha sido lançada naquele dia a Coleção Tucano, e eu estava falando com um dos gerentes da casa. Atrás de nós, dois rapazes manuseavam os livros, que estavam arrumados por cores em pequenas pilhas. De repente, ouvi um deles dizer ao outro: «Olha aqui! Gidel» O segundo pegou o livro, olhou-o com leve tom de desprezo e disse: «Gide por seis mil réis? Não deve prestar.» Evidentemente a coleção fracassou.

Entramos agora no capítulo principal: duas coleções às quais eu quero me referir de modo muito particular, e nas quais a participação de Erico teve importância preponderante — a Coleção Nobel e a Biblioteca dos Séculos.

A Nobel apresentava-se em dois formatos, tamanho pequeno e tamanho gigante. Henrique entregou-a a Erico e incumbiu-o de organizar uma lista de títulos e de autores para nela serem incluídos. Foi através dessa coleção que gerações e gerações neste país tomaram conhecimento de autores dos quais pouca gente tinha notícias vagas por meio de revistas literárias em línguas estrangeiras. E foi assim que apareceram no Brasil traduções de obras de Thomas Mann, como **A montanha mágica** e **Os Buddenbrook**; Chesterton, com **O homem eterno**; Conrad, com **Tufão, Vitória e Lord Jim**; James Hilton, com **Adeus, Mr. Chips, Horizonte perdido** e **Não estamos sós**. De Steinbeck a Nobel publicou **As vinhas da ira** e **Ratos e homens**; de Norman Douglas, **Vento sul**; de Robert Graves, **Eu Claudius, imperador**; de Romain Rolland, **Jean Christophe**; de Richard Llewellyn, **Como era verde o meu vale** e **Apenas um coração solitário**. Sinclair Lewis apareceu com **Babbit** e **Dr. Arrowsmith**; Theodore Dreiser, com **Carolina** e de André Gide publicou-se **O imoralista**. Mas não ficou aí, foi adiante. De repente, Erico perguntou a Henrique Bertaso se ele tinha medo de Virginia Woolf. Não tinha. Isso permitiu à Globo publicar, na Coleção Nobel, dessa admirável romancista o **Orlando** e **Mrs. Dalloway**. Publicou-se **Bliss (Felicidade)** de Katherine Mansfield, traduzida pelo próprio Erico, e Willa Cather. E a Nobel foi ainda mais adiante. Descobriu e publicou pela primeira vez no Brasil William Faulkner, com **Luz de agosto**. De Graham Greene, que era da particular predileção de Erico, editaram **O condenado e O poder** e **a glória**. Quase toda a obra de Charles Morgan foi revelada ao público leitor brasileiro, **Sparkenbrooke**, **A fonte**, **Retrato no espelho**, **A viagem**, **Rota de fuga**, etc.

Essa aventura se prolongou em Proust, cujo **Em busca do tempo perdido** foi integralmente traduzido. Sem deixar de passar por James Joyce, de quem a Nobel publicou **Retrato do artista quando jovem**. Há ainda a descoberta de Somerset Maugham, de quem Erico lera **Servidão humana**, considerado na época um romance de importância internacional, o que levou a Globo a editar toda sua obra, fora o teatro. Se disse, a boca pequena, que Erico estava dando preferência para autores de língua inglesa ou anglo-saxã. Mas Erico se bateu para que fosse publicado **Os Thibault**, de Roger Martin du Gard e foi ele que, ao organizar a lista da Biblioteca dos Séculos, incluiu Rosseau, Voltaire, Guy de Maupassant e aprovou a edição da obra completa de Balzac. A Globo teve a sorte de descobrir em Paulo Rónai um excepcional conhecedor, que transformou essa coleção na mais importante **Comédia humana** de Balzac editada fora da França.

Conta Erico que, em sua constante pesquisa de títulos, um dia ele perguntou a Henrique:

«E se começássemos uma coleção (eu já tinha até o título para ela: Biblioteca dos Séculos) composta de grandes livros da Literatura universal? 'É uma idéia' — murmurou Henrique. E eu: 'E sabe quem vai escolher os livros e autores para essa série? O Tempo, o melhor crítico literário que conheço. A escolha já está feita, naturalmente...»<sup>6</sup>

E assim nasceu a Coleção Biblioteca dos Séculos, que teve características especiais. Cada autor, cada livro lançado trazia na abertura um ou mais artigos de críticos contemporâneos, além de uma nota bibliográfica sobre o autor. E, assim, apareceram **O vermelho e o negro**, **A cartuxa de Parma**, de Stendhal; os contos de Antón Tchêkhov; a obra completa de Edgar Allan Poe; os contos de Guy de Maupassant; o **Romeu e Julieta**, de Shakespeare, em tradução de Onestaldo de Pennafort; **Tom Jones**, de Fielding; Nietzsche; Montaigne. De Tolstoi, **Guerra e paz**; de Ibsen, seis peças de teatro. De Dickens, três romances. Sem falar em Platão, do qual foram publicados o volume de **Diálogos**, com **Menon**, **O banquete** e **Fedro**. Apareceram **Poesias escolhidas**, de Verlaine; **Novelas completas**, de Prosper Mérimée; **A comédia latina**, com Plauto e Terêncio, **As viagens de Gulliver**, de Swift, e Rousseau.

Creio que consegui transmitir a vocês a idéia de quanto Erico fez e do quanto ele foi importante no ambiente editorial brasileiro. Ontem, Silviano Santigao referiu-se à maneira generosa de ser de Erico, que descobria e lia autores e, em vez de ficar com eles apenas para seu uso e gozo, se apressava em divulgá-los, para que fossem conhecidos de todo mundo. Isto

fez Erico durante dez ou doze anos na Editora Globo, que de uma pequena casa provinciana transformou-se numa das grandes editoras deste país.

Encerro citando algumas passagens de **O livro no Brasil**, de um **scholar** inglês, Laurence Hallewell, referindo-se à atuação de Bertaso e Verissimo.

«Exatamente quando a produção de livros didáticos se tornava monopólio de São Paulo, um novo centro editorial começava a surgir ainda mais para o sul, em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, onde, no início dos anos 30, a Livraria do Globo tornou-se uma produtora nacionalmente conhecida de literatura estrangeira traduzida.»<sup>7</sup>

E, referindo-se a Erico:

«Verissimo tornou-se, para o êxito comercial da Globo, um fator quase tão importante quanto Jorge Amado vinha sendo para o da Martins, e seu romance seguinte, **Saga**, de 1939, teve uma tiragem inicial de 20.000 exemplares. Em 1947, **Olhai os lírios do campo** foi distinguido com uma versão publicada em Nova York, **Consider the lilies of the field**, em tradução de Jean N. Karnoff. Dois anos depois, surgiu o primeiro volume de um sucesso ainda maior: **O tempo e o vento**, uma história romancada do Rio Grande do Sul. Este **roman-fleuve**, concebido originalmente como uma trilogia, acabou sendo concluído com seu sétimo volume, em 1963. (...) Era um fato extraordinário de uma editora sediada tão longe do centro ter podido estabelecer-se tão firmemente no cenário nacional.»<sup>8</sup>

Essas palavras, de um estudioso cuja neutralidade é insuspeita, confirmam o que tentei demonstrar com esse testemunho: que além de grande escritor, Erico foi também um grande editor.

#### NOTAS

- 1 VERISSIMO, Erico. **Um certo Henrique Bertaso**. Porto Alegre, Globo, 1972. p. 18.
- 2 Id. p. 21.
- 3 VERISSIMO, Erico. O escritor diante do espelho. In: **Ficção completa**. Rio de Janeiro, Aguilar, 1967. v. 3. p. 56.
- 4 VERISSIMO, Erico. **Um certo Henrique Bertaso**. p. 79.
- 5 VERISSIMO, Erico. O escritor diante do espelho. p. 63.
- 6 VERISSIMO, Erico. **Um certo Henrique Bertaso**. p. 58.
- 7 HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**; sua história. São Paulo, T. A. Queiroz, Universidade de São Paulo, 1985. p. 316.
- 8 Id. p. 326-7.